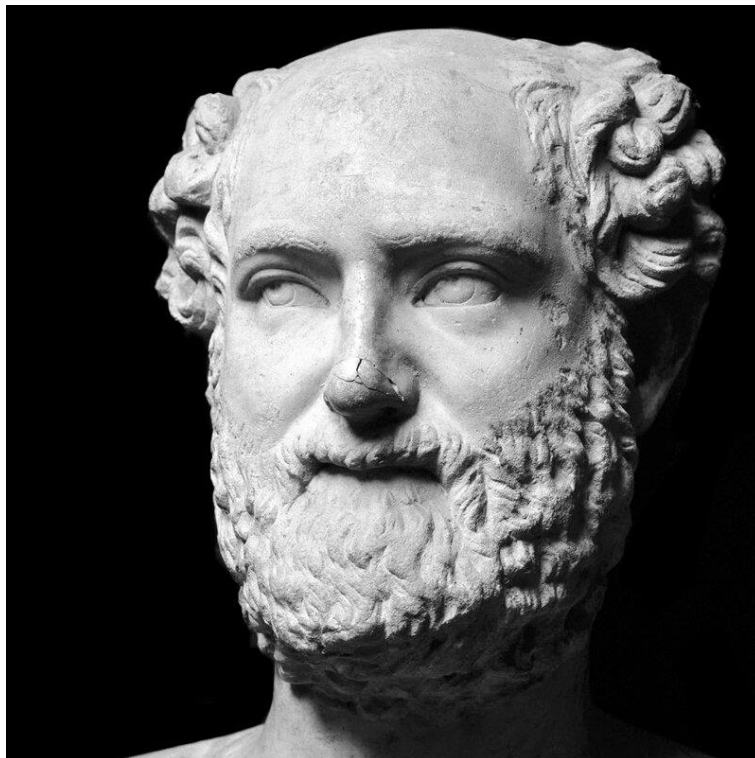


ARISTÓFANES, COMÉDIA E PARÓDIA*Jaa Torrano*

Representação de Aristófanés

A comédia de Aristófanés e a tragédia contemporânea do Teatro de Dioniso têm mais traços em comum entre elas mesmas do que traços comuns com o que hoje entendemos como poesia e como comédia. Em Atenas no século V a.C. tragédia e comédia têm em comum o contexto histórico e a função pedagógica na democracia ateniense, pois eram ambas o principal meio de educação estatal e o principal meio de reflexão crítica sobre a política e a vida em sociedade.

O coro cômico mantém a dualidade essencial do coro trágico, que se veste, fala e age como uma determinada personagem coletiva e, além disso, fala também como porta-voz das referências e dos valores da democracia ateniense. No entanto, pode-se dizer que a comédia surge como paródia da tragédia, segundo a definição de Gerard Genette, no sentido de que a tragédia (“hipotexto”) se transforma em comédia (“hipertexto”) mediante a substituição do herói mítico em diálogo com o seu *Daímon* (“Nume”, “destino”) por um cidadão comum em interação com o seu horizonte político.

Dessa substituição decorrem as características distintivas e constitutivas da comédia. O prólogo na comédia necessariamente se alonga para apresentar as características e as circunstâncias de um cidadão comum (enquanto sucintas menção e sinopse bastariam para apresentar o herói mítico, legado pela tradição e em geral conhecido de todos). O ponto de vista determinado pelos personagens principais se desloca da interlocução com Deuses e Numes para a interação com exigências imediatas da vida circunscrita aos horizontes da pólis. A apreciação de falas e ações do herói mítico pelo coro trágico na perspectiva das referências e dos valores democráticos implica a coincidência dos tempos míticos e históricos e a sobreposição de figuras legendárias em contraste com os valores democráticos, enquanto na comédia a presença dos cidadãos comuns concentra o foco na vida contemporânea.

Para exemplificar essas características do prólogo e do canto coral cômicos tomemos por exemplos alguns excertos da comédia *As Nuvens* de Aristófanes. Inicialmente, o velho Estrepsíades, um camponês que no confinamento intramuros durante a guerra do Peloponeso se casou com uma mulher aristocrática e depois se viu endividado por sustentar os hábitos aristocráticos de seu filho, tomado de insônia reflete sobre sua situação financeira:

ESTREPSÍADES:

Ioù ioú!

Oh Zeus rei, que tamanho destas noites!

Infindável! Nunca mais surgirá o dia?

Já faz muito tempo que eu ouvi o galo.

Os servos roncam, antes não roncariam.

5

Que se dane a Guerra por muitas coisas
quando nem posso mais punir os servos.

Nem mesmo esse prestimoso rapaz aí
não desperta durante a noite, mas peida
envolto em cinco mantas de pele caprina

Mas, se convém, ronquemos recobertos!

10

Mas mísero não posso dormir mordido
por despesa, por estrebaria e por dívidas
graças a este filho. Ele tem a cabeleira,

cavalga o corcel e concorre com a biga
e sonha com os cavalos, e cá eu acabo
sempre que vejo a Lua trazer a vintena
pois correm juro. Servo, acende a luz
e traz-me os escritos para que neles
eu leia a quem devo e calcule os juro. 15
Veja, o que devo? Doze minas a Pásias.
Doze minas a Pásias! Que uso eu fiz?
Comprei o com Q. Ai de mim, mísero,
antes fosse um quê de pedra no olho! 20

Para se livrar de seus credores, Estrepsíades, após fracassar na tentativa de persuadir o filho, decide ele mesmo se tornar aluno na escola chamada Pensatório e dirigida por Querefonte e Sócrates para aprender a arte retórica de defender o indefensável e ainda assim ganhar a causa. Para aceitá-lo como discípulo, Sócrates procede a um rito iniciático que inclui um prece à tríade Ar, Éter e Nuvens, as únicas divindades reconhecidas pelo mestre sofista. Ainda que substitua os Deuses tradicionais por outros inusitados, a prece ecoa a sublimidade da invocação tradicional, que contrasta com a precaução pragmática de Estrepsíades:

SÓCRATES:

É devido o ancião se calar e ouvir a prece.
Ó senhor rei imenso Ar que susténs a terra,
luzente Éter, santas Deusas Nuvens troantes, 265
vinde, surgi, senhoras, ao pensador, celestes.

ESTREPSÍADES:

Não, até que eu dobre isto, não me regueis!
Que má sorte minha sair de casa sem gorro!

SÓCRATES:

Vinde, honradas Nuvens, mostrai-vos a ele!
Se estais nos sacros picos nevados do Olimpo, 270
se tendes sacros coros no horto de pai Oceano,

se hauris água da foz do Nilo em áureos jarros
ou tendes lago Meótis ou níveo pico de Mimas,
ouvi, aceitai oferta e dai-nos graça pelos ritos.

No párodo, apresenta-se o coro das Deusas Nuvens.

CORO:

Eternas Nuvens	EST.
subamos visíveis no vulto orvalhado brilhante	276
longe de pai Oceano rumoroso	
nos cimos de altas montanhas	
nemorasas onde contemplemos	280
vistos de longe mirantes,	
searas, sacro solo irrigado,	
os fragores de rios divinos	
e Mar fragoroso tonitruante.	
Olho de Éter brilha infatigável	285
com seus resplendentes raios.	
Sacudamos chuvosa névoa	
da forma imortal, visitemos	
a terra com telescópio olho.	290

SÓCRATES:

Ó grandes santas Nuvens, ouvistes claro meu clamor.
Percebeste voz e junto trovão troar reverente a Deus?

ESTREPSÍADES:

Eu venero, ó honradas, e quero por minha vez peidar
ante os trovões, tanto as temo e tão apavorado estou.
Se é lícito, agora já, mesmo se ilícito, eu vou peidar. 295

SÓCRATES:

Não zombes nem faças como os de vinhoso Nume,
mas cala-te, grande enxame de Deusas vem cantar.

CORO:

Virgens pluviosas,	ANT.
vamos ao solo brilhante de Palas	300
visitar amável terra viril de Cécropo,	
onde se veneram os ritos secretos,	
onde se consagram o templo	
misterioso nas iniciações puras	
e as dádivas aos Deuses celestes:	305
santuários sobranceiros e estátuas	
e sacros caminhos dos venturosos,	
bem coroados sacrifícios, festas	
em todas as diversas estações,	310
vernal vem a graça de Brômio,	
exaltação clamorosa dos coros,	
Musa grave tonítua de aulos.	

ESTREPSÍADES:

Por Zeus, suplico-te, diz, Sócrates, quem são essas	
que se pronunciaram solenes? Serão elas heroínas?	315

SÓCRATES:

Não, mas celestes Nuvens grandes Deusas de ociosos,
elas nos oferecem o saber, o argumento, a inteligência,
o portento, o circunlóquio, o golpe e a compreensão.

ESTREPSÍADES:

Ao ouvir a voz delas minha alma se mantém em voo,	
procura falar sutileza e breve conversa sobre fumaça	320
e opondo opinião a opinião contrapõe os argumentos	
de modo que, se possível, desejo vê-las já manifestas.	

Embora Sócrates, ao instruir Estrepsíades, tenha negado a atualidade do poder de Zeus e o tenha substituído por Vórtice, o coro das Deusas Nuvens no entanto invoca Zeus e os Deuses tradicionais:

Sublime rei dos Deuses EST.

Zeus soberano primeiro

conclamo grande ao coro 565

e o grande e forte gestor de tridente

e rude motor de Terra e de salso Mar

e o nosso pai de grande renome

Éter solene vivífico de todos 570

guia de corcéis que por cima

brilhante guarda com os raios

o térreo solo, o grande Nume

entre os Deuses e os mortais.

Ao meu redor, Febo rei ANT.

délio e senhor de Cíntia

pedra de altos píncaros,

e a feliz de Éfeso em áurea casa

venerada por filhas dos lídios, 600

e a nossa territorial Deusa

guia da égide Atena urbífera,

e quem no pétreo Parnaso

com píneas tochas brilha

conspícuo entre as Bacas 605

délficas: festivo Dioniso.

Espero assim ter apresentado tanto o meu viés de leitura da comédia de Aristófanes quanto o que possa ser uma tradução demandada e informada por esse viés.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES – *As Nuvens*. Trad., introd. e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1967.

ARISTOPHANE – *Les Acharniens. Les Cavaliers. Les Nuées*. Texte établi par Victor Coulon et traduit para Hilaire Van Daele. Paris, Les Belles Lettres, 1967.

GENETTE, Gérard – *Palimpsests*. Translated by Channa Newman and Claude Doubinsky. University of Nebraska Press, 1997.

MACDOWELL, Douglas M – *Aristophanes and Athens. An Introduction to the Plays*. Oxford University Press, 1995.

OLSON, Douglas S. – *Aristophanes' Clouds. A Commentary*. University Michigan Press / Ann Arbor, 2021.

Jaa Torrano é professor titular do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP, onde leciona língua e literatura grega. Como bolsista pesquisador do CNPq traduziu e estudou todas as tragédias supérstites de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Publicou os livros: 1) de poesia: *A esfera e os dias* (Annablume, 2009), *Divino gibi: crítica da razão sapiencial* (Annablume, 2017); 2) de ensaios: *O sentido de Zeus: o mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo* (Roswitha Kempf, 1988 / Iluminuras, 1996), *O pensamento mítico no horizonte de Platão* (Annablume, 2013), *Mitos e imagens míticas* (Córrego, 2019 / Madamu, 2022); e 3) de estudos e traduções: Hesíodo – *Teogonia: a origem dos Deuses* (Roswitha Kempf, 1980/Iluminuras, 1991), Ésquilo – *Prometeu prisioneiro* (Roswitha Kempf, 1985), Eurípides – *Medeia* (Hucitec, 1991), Eurípides – *Bacas* (Hucitec, 1995), Ésquilo – *Oresteia: I Agamêmnon, II Coéforas, III Eumênides* (Iluminuras, 2004), Ésquilo – *Tragédias: Os persas, Os sete contra Tebas, As suplicantes, Prometeu cadeeiro* (Iluminuras, 2009), Eurípides – *Teatro completo* (e-book, 3 vols. Iluminuras, 2015, 2016, 2018), Platão – *O banquete* (em coautoria com Irley Franco) (PUC-Rio / Loyola, 2021), Sófocles – *Tragédias completas: I Ájax, II As traquínias* (Ateliê / Mnema, 2022). Além disso, tem publicado estudos sobre literatura grega clássica em livros e periódicos especializados.